

Poemas da Literatura Brasileira

Quinhentismo - 1500 a 1601

Poemas de Pe. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,
Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,

Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

Barroco - 1601 a 1768.

Senhora Dona Bahia - Gregório de Matos

"Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,
e é que, quem o dinheiro nos arranca,
nos arranca as mãos, a língua, os olhos."

"Esta mãe universal,
esta célebre Bahia,
que a seus peitos toma, e cria,
os que enjeita Portugal"

"Cansado de vos pregar
cultíssimas profecias,
quero das culteranias
hoje o hábito enforçar:
de que serve arrebentar
por quem de mim não tem mágoa?
verdades direi como água
porque todos entendais,
os ladinos e os boçais,
a Musa praguejadora.
Entendeis-me agora?"

Arcadismo - 1768 a 1836.

A Rosa - Manoel Maria Du Bocage

Tu, flor de Vénus,
Corada Rosa,
Leda, fragrante,
Pura, mimosa,

Tu, que envergonhas
As outras flores,
Tens menos graça
Que os meus amores.

Tanto ao diurno
Sol coruscante
Cede a nocturna
Lua inconstante,

Quanto a Marília
Té na pureza

Tu, que és o mimo
Da Natureza.

O buliçoso,
Cândido Amor
Pôs-lhe nas faces
Mais viva cor; .

Tu tens agudos
Cruéis espinhos,
Ela suaves
Brandos carinhos;

Tu não percebes
Ternos desejos,
Em vão Favónio
Te dá mil beijos.

Marília bela
Sente, respira,
Meus doces versos
Ouve, e suspira.

A mãe das flores,
A Primavera,
Fica vaidosa
Quando te gera;

Porém Marília
No mago riso
Traz as delícias
Do Paraíso.

Amor que diga
Qual é mais bela,
Qual é mais pura,
Se tu, ou ela;

Que diga Vénus...
Ela aí vem...
Ai! Enganei-me,
Que é o meu bem.

Romantismo - 1836 a 1881.

Amor - Álvares de Azevedo.

Amemos! Quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!
Na tu'alma, em teus encantos
E na tua palidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!
Quero em teus lábio beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!
Vem, anjo, minha donzela,
Minha'alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!

Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

Realismo - 1881 a 1893.

Círculo vicioso - Machado de Assis.

Bailando no ar, gemia inquieto

vaga-lume:

"Quem me dera que fosse aquela

loura estrela,

Que arde no eterno azul,

como uma eterna vela!"

Mas a estrela, fitando a lua, com

ciúme:

"Pudesse eu copiar o transparente

lume,

Que, da grega coluna à gótica

janela,

Contemplou, suspirosa, a fronte

amada e bela!"

Mas a lua, fitando o sol, com

azedume:

"Mísera! tivesse eu aquela enorme,
aquela
Claridade imortal, que toda a luz
resume!"
Mas o sol, inclinando a rútila
capela:

"Pesa-me esta brilhante auréola
de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida
umbela...
Por que não nasci eu um simples
vaga-lume?"

Naturalismo - 1881 a 1893.

Pobre amor - Aluísio Azevedo.

Calcula, minha amiga, que tortura!

Amo-te muito e muito, e, todavia,

Preferira morrer a ver-te um dia

Merecer o labéu de esposa impura!

Que te não entorneça esta loucura,

Que te não mova nunca esta agonia,

Que eu muito sofra porque és casta e pura,

Que, se o não foras, quanto eu sofreria!

Ah! Quanto eu sofreria se alegrasses

Com teus beijos de amor, meus lábios tristes,

Com teus beijos de amor, as minhas faces!

Persiste na moral em que persistes.

Ah! Quanto eu sofreria se pecasses,

Mas quanto sofro mais porque resistes!

Parnasianismo - 1881 a 1893.

Língua Portuguesa - Olavo Bilac.

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que, na ganga impura,
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceanos largos!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Simbolismo - 1893 a 1902.
Ismália - Alphonsus de Guimaraens

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava longe do céu...
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar. . .
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Pré-modernismo - 1902 a 1922.

Versos íntimos - Augusto dos Anjos.

Vês! Ninguém assistiu ao formidável

Enterro de tua última quimera.

Somente a Ingratidão - esta pantera -

Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!

O Homem, que, nesta terra miserável,

Mora, entre feras, sente inevitável

Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!

O beijo, amigo, é a véspera do escarro,

A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,

Apedreja essa mão vil que te afaga,

Escarra nessa boca que te beija!

Modernismo - 1922 ...

O anel de vidro - Manoel Bandeira.

Aquele pequenino anel que tu me deste,

- Ai de mim - era vidro e logo se quebrou...

Assim também o eterno amor que prometeste,

- Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.

Frágil penhor que foi do amor que me tiveste, Símbolo
da afeição que o tempo aniquilou,

- Aquele pequenino anel que tu me deste,

- Ai de mim - era vidro e logo se quebrou...

Não me turbou, porém, o despeito que investe

Gritando maldições contra aquilo que amou.

De ti conservo no peito a saudade celeste...

Como também guardei o pó que me ficou

Daquele pequenino anel que tu me deste...